

A BRASILIANA de Policarpo Quaresma: modelo, moldura, mediação

Elvya Ribeiro Pereira

Miguel de Cervantes (1547-1616), na base do romance moderno, apresenta-nos a exemplar história de *Dom Quixote de la Mancha* (1601/1615), na qual o *Cavaleiro da Triste Figura*, imerso na leitura das novelas medievais, passa a adotar os ideais cavaleirescos nas suas andanças e ações por um mundo que não comporta mais esses valores heróicos. A alienação do personagem em relação ao mundo real e sua adesão a um modelo de herói ditado pelas novelas de cavalaria vão dar origem às mais incríveis aventuras do personagem. Confundindo ficção e realidade na busca da realização de um ideal, Dom Quixote tornou-se uma das grandes referências da literatura universal. Semelhante ao “cavaleiro andante” de Cervantes, a personagem Policarpo Quaresma direciona sua atuação “na vida real” tendo por modelo um ideal de Pátria, decorrente do seu contato direto, sem mediação crítica, com os livros presentes em sua brasiliana, o que desencadeia um descompasso entre o mundo por ele imaginado e as circunstâncias que o desafiavam. Sobre este padrão do *Quixote*, comenta Luís Cláudio Figueiredo:

A adesão a modelos é, conforme se sabe, um ingrediente dos processos de constituição de identidade. Há casos, contudo, em que esta adesão se converte em imitação preciosística, em cópia estilizada, ‘excessiva’ e empolada de um modelo suma-

mente idealizado. (...) A literatura de transição do século XVI para o XVII nos proporcionou o mais cabal exemplo de (...) uma construção e manutenção de uma identidade que se constitui e se esgota na e pela coincidência com uma imagem: Dom Quixote de La Mancha. (Figueiredo, 1996, p. 83-90)

Mediados por esta adesão a um modelo de identidade, percorremos algumas prateleiras da biblioteca do Major Quaresma, com o propósito de acompanhar mais de perto alguns desdobramentos da trama romanesca em *Triste fim*, trama esta fundada não só na adesão a um modelo de identidade/pátria (ligado à brasileira), como também, num jogo dialógico que tensiona as vozes do narrador e da personagem em torno do tópico ufanista. Sendo uma pedra de toque dos conflitos e confrontos do protagonista, a brasileira caracteriza-se como modelo e moldura das ações de Quaresma. Neste sentido, ela merece especial atenção numa leitura que se queira indiciadora das implicações do tópico ufanismo/patriotismo numa escrita que se desloca, matizando-se num permanente jogo entre paráfrase e paródia, pondo em diálogo e em conflito as ações e reflexões do protagonista e do narrador em torno deste tópico.

A brasileira do Major Quaresma, enfocada a partir de uma perspectiva dialógica de leitura, nos permite aventar especulações acerca de algumas relações intertextuais que o romance promove, em confluência, entre literatura e história. É relevante, reafirmamos, a tal proposta de leitura, que não se perca de vista o entrecruzamento dos discursos do narrador e do protagonista, visto que funciona, estruturalmente, como força tensiva (mas muitas vezes matizada) no encaminhamento da trama. Enquanto o protagonista assume de forma reduplicadora (mas nem tanto) os discursos ufanistas que atravessam uma tradição cultural brasileira, o narrador, investindo-se de uma movente postura contra-discursiva, percorre um caminho de mão dupla: não só interpela o discurso ufanista subscrito pelo romance, como também o endosso da personagem central a tal discurso.

Seguindo a apresentação que o narrador faz da brasileira, visualizamos inicialmente os autores e obras que compõem a série literária e, logo depois, os que compõem a série histórica:

Na ficção havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira da *Prosopopéia*; o Gregório de Matos, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta prá lá faltava nas estantes do Major.

De história do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gandavo; o Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (*Geschichte von Brasilien*). Melo de Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos.¹ (Barreto, 1969, p. 31)

Em decorrência, o narrador enfatiza o quão espantado ficaria qualquer examinador ao perceber o *espírito de reunião* que presidia a biblioteca do Major. Prontamente, ele satisfaz a curiosidade dos possíveis (e “perplexos”) leitores: “A razão tinha que ser encontrada numa disposição particular de seu espírito, no forte sentimento que guiava sua vida. Policarpo era patriota” (Barreto, 1969, p. 33). O “patriotismo” é, pois, o elemento que preside a reunião dos nomes presentes no acervo bibliográfico. A visualização panorâmica desse acervo reenquadra num grande painel várias cenas com as quais, desde o século XVI, se tentou textualizar o que era e o que é o Brasil.

Vista panoramicamente, tal brasileira nos parecerá “convencional”², na medida em que está vinculada a uma linha de pensamento que tomou o ufanismo como bandeira discursiva. O exame em particular de algumas *presenças* (as quais atualizariam algumas *ausências*), entretanto, pode nos levar a empreender algumas especulações, através das quais se abrem brechas, pequenas fissuras, nessa convencionalidade que emoldura a brasileira.

O que dizer da presença de Gregório de Matos? Que elementos de sua produção poética corresponderiam à noção apaixonada de patriotismo do Major? A respeito do caráter “dessacralizador” de sua poesia, Lucia Helena, no ensaio “A tradição antropofágica”, reconhece Gregório de Matos como o instaurador da festa da carnavalização antropofágica em nossa literatura. A autora identifica duas linhas na produção poética de Gregório:

a do bom senso e do bom gosto, em que é nítido o compromisso com a ideologia da seriedade, na qual opera com modelos clássicos, ainda que transformado-os criadoramente; e a do muito riso e pouco siso, uma linha contra-ideológica, através da qual ele traumatiza a medula servil de uma cultura colonizada e oprimida estética e politicamente pela matriz européia. (Helena, 1983, p. 24-8)

1 Todas as citações do romance foram retiradas do citado volume.

2 Nosso artigo dialoga com o texto do reconhecido crítico. Para além da convencionalidade da brasileira, constatada por Silviano, consideramos os recortes de leitura de Quaresma e as intervenções satírico-corrosivas do narrador, que deslocam, questionam e subvertem tais recortes.

E quanto ao cronista Gabriel Soares de Souza? Em meio aos diálogos, aos tratados, às cartas que insistem em demonstrar “as grandezas do Brasil”, a exuberância da terra, sua extraordinária fertilidade, ele lembra a saúva como obstáculo à agricultura brasileira. Foram esses pequenos insetos que desferiram o “golpe final” contra aquela que se constituiria a segunda etapa das “reformas radicais” idealizada por Quaresma – a busca de uma produtividade agrícola numa terra re-escrita como pródiga.

Vejamos mais algumas particularidades da brasiliana do Major. Da presença de José de Alencar chama-nos a atenção o termo *todo*, indicativo das presenças dos romances indianistas e regionalistas (que dizem mais incisivamente do seu projeto de fundar uma literatura nacional) (Pereira, 2002) e dos romances urbanos. Se o Alencar urbano está presente, o que se pode especular a respeito da ausência de Machado de Assis? Por que Gregório de Matos (dessacralizador) e não Machado? Embora *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tenha sido publicado em 1881, portanto, um ano antes da “reinscrição” de Gregório de Matos na história da literatura brasileira, o já conhecido nome de Machado de Assis não figura na biblioteca de Quaresma. Esta ausência talvez se deva ao fato de Machado não estar em sintonia (mas Gregório também não estar) com o nacionalismo da personagem (Pereira, 1999). Contudo, deslocando o enfoque do personagem para o autor do romance, seria interessante não esquecermos os vários “senões” de Lima Barreto em relação à postura do intelectual Machado de Assis, seu contemporâneo (Pereira, 2001-2). Sejam as presenças, sejam as ausências, tais particularidades sugerem-nos que talvez não seja tão convencional a brasiliana. A adesão de Quaresma ao que ela modela passaria pelo crivo da leitura, dos recortes empreendidos por ele próprio. Neste sentido, destacamos uma emblemática imagem do Quaresma leitor:

Sentado na cadeira de balanço, bem ao centro de sua biblioteca, o Major abriu um livro e pôs-se a lê-lo à espera do conviva. Era o velho Rocha Pita, o entusiástico e gongórico Rocha Pita da *História da América Portuguesa*. Quaresma estava lendo aquele famoso período: ‘Em nenhuma outra região se mostra mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados...’ mas não pôde ir ao fim. Batiam à porta. (Barreto, 1969, p. 33)

A História da América Portuguesa (1730) é geralmente considerada como uma das primeiras manifestações de ufanismo nacional. A forma exagerada, quase descabida, com a qual Rocha Pita engrandece a terra brasileira, praticamente faz dele um caso

isolado entre os cronistas da era colonial (Leite, 1983, p. 155-172). Ao visualizarmos Quaresma lendo, apaixonadamente, tal cronista, é quase inevitável não intuirmos seus recortes de leitura, os saltos... Ele teria lido os dois Gregórios dos quais nos fala Lucia Helena? E das *Notícias do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza (Lima, 2001-2), quais ele teria recortado? Sobre este cronista, informa Dante Moreira Leite:

[...] não se pense que todo o livro de Gabriel Soares de Souza seja de louvor à natureza brasileira: não deixa de indicar os perigos das cobras, aranhas e escorpiões, nem os danos causados pela formiga saúva. Quanto a esta indica claramente o tormento que representa para o agricultor: “E como se destas formigas não diz muito que delas há que dizer, é melhor dizer senão que elas não foram que despovoara muita parte de Espanha para irem povoar o Brasil: pois se dá nele tudo o que se pode desejar, o que esta maldita impede de maneira que tira o gosto dos homens de plantarem senão aquilo sem o que não podem viver na terra” (Leite, 1983, p. 159).

Comparemos os senões do cronista com uma outra cena do romance. Nela, o leitor Quaresma já está “experimentando”, no seu sítio, “O sossego”, o ensinamento dos livros:

Quaresma chegou a seu quarto, despiu-se, enfiou a camisa de dormir e, deitado, pôs-se a ler um velho elogio das riquezas e opulências do Brasil.

Tudo na nossa terra é extraordinário... Da despensa, que ficava junto a seu aposento, vinha um ruído estranho...O major apurou o ouvido; o ruído continuava. Que era?

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroadada no peito do pé... Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho carregavam as suas reservas de milho e feijão... O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca de sua cidade subterrânea.

Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde aguentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair.

Estava no escuro. Debatia-se para encontrar a porta; achou e correu daquele infimo inimigo que, talvez, nem mesmo à luz radiante do sol, o visse distintamente...(Barreto, 1969, p. 165-7)

O romance, como se pode observar, reencena, na perspectiva de Quaresma, um modelo discursivo ufanista. Ao mesmo tempo, porém, sob o enfoque satírico do narrador e através da ação pragmática do personagem no cultivo da terra, desqualifica tal modelo, criticando-o como ilusório e, até mesmo, tornando-o risível. Se os recortes de leitura de Quaresma reafirmam uma tradição ufanista, os elementos intertextuais e contextuais lidos criticamente pelo narrador, por sua vez, rasuram e refratam essa mesma tradição, constituindo-se o texto romanesco numa paródia do substrato mítico que incorpora. Além do que, o contraste entre a leitura e a prática agrícola do personagem leva-o da idealização da terra fértil ao trabalho árduo com a mesma, passando ainda pelas saúvas, pelo abuso das leis fiscais, pelas dificuldades de transporte para o escoamento da produção agrícola, chegando, no desfecho, à especulação desmedida dos atravessadores. Vejamos:

A sua alegria foi grande. Pela primeira vez, ia passar-lhe pelas mãos dinheiro que lhe dava a terra, sempre mãe e virgem. Tratou de vender, mas como? No lugar havia um ou outro que os queria comprar por preços ínfimos. Com decisão foi ao Rio procurar comprador. Andou de porta em porta. Não queriam, eram muito. Ensina-ram-lhe que procurasse um tal Senhor Azevedo no Mercado, o rei das frutas . Lá foi.

– Abacates! Ora! Tenho muitos...Estão muito baratos!

– Entretanto, disse Quaresma, ainda hoje indaguei em uma confeitaria e pedi-ram-me pela dúzia cinco mil réis.

– Em porção, o senhor sabe que... É isso... Enfim, se quer mande-os...

Depois tilintou a pesada corrente de ouro, pôs uma das mãos na cava do colete e quase de costa para o major:

– É preciso vê-los... O tamanho influi.

Quaresma os mandou e, quando lhe veio o dinheiro, teve a satisfação orgulhosa de quem acaba de ganhar uma grande batalha imortal. Acariciou uma por uma aquelas notas encardidas, leu-lhes bem o número e a estampa, arrumou-as todas uma ao lado da outra sobre uma mesa e muito tempo levou sem ânimo de trocá-las.

Para avaliar o lucro, descontou o frete, de estrada de ferro e carroça, o custo dos caixões, o salário dos auxiliares e, após, esse cálculo que não era laborioso, teve a evidên-cia de que ganhara mil e quinhentos réis. Nem mais nem menos. O senhor Azevedo tinha-lhe pago pelo cento a quantia com que se compra uma dúzia. (Barreto, 1969, p. 172-3)

Uma voz dissidente

Tendo em vista a *presença* de Gregório de Matos na brasiliana de Quaresma, seria oportuno retomar algumas observações do crítico Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*. Na introdução do livro, Candido afirma que a produção poética do “boca do inferno” não participou do fluxo de trocas e influências literárias referente à colônia:

[...] embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo, quando foi redescoberto, sobretudo graças a Varnhagen; e só depois de 1882 e da edição de Vale Cabral pode ser devidamente avaliado. Antes disso, não influenciou, não contribuiu para formar nosso sistema literário, e tão obscuro permaneceu sob os seus manuscritos, que Barbosa Machado, o minucioso erudito da *Biblioteca Lusitana* (1741-1758), ignora-o completamente... (Candido, 1987, p. 24)

Candido justifica a *inexistência* histórico-literária³ do poeta baiano até o século XIX argumentando que só neste período a literatura brasileira passa a se constituir como um “sistema” formado por produtores literários, por um conjunto de receptores e por um mecanismo transmissor. Por conta disso, o que se produzia, até então, não passava de “manifestações literárias” isoladas.

Assim, o poeta baiano, pouco depois de ter sido “resgatado” e inserido na história da literatura brasileira (em 1882), já constava entre os autores destacados na biblioteca de Policarpo Quaresma, personagem que vive suas (des)venturas romanescas entre os anos de 1891 e 1894, período do governo de Floriano Peixoto. Se pensarmos na coincidência entre os tempos da história e da ficção, a presença de Gregório de Matos na brasiliana abre outra brecha na sua moldura “convencional”, através da qual se move sugestivamente a escrita satírica do próprio Lima Barreto, a questionar perspectivas históricas, linearidades temporais.

Nessa superposição de textos e temporalidades, a instigante presença de Gregório aparece ainda como que por tabela, ou seja, projeta-se através do seu “redescobridor”, o historiador Varnhagen, que é uma presença em harmonia com a modelagem nacio-

3 Este argumento foi contestado por Haroldo de CAMPOS em *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*, Salvador: FCJA, 1989.

nalista da brasileira. Seria a paródia surgindo de dentro da paráfrase (Gregório dentro da brasileira e, ainda, através de Varnhagen), contaminando-a, subvertendo o seu desempenho, suplementando a sua trajetória, sugerindo desvios de leitura. Paródia e paráfrase se confundem, abrindo um espaço para a reflexão em torno de modelos de identidades, de nacionalismos e das adesões a tais modelos.

Contemporâneo dos “diálogos e tratados das grandezas” do Brasil, Gregório de Matos insurge-se no contexto da época como uma das primeiras vozes a ecoar, iconoclasticamente, contra a empresa colonizadora.

Em meio à aurora do mito ufanista, a poesia satírica de Gregório projeta-se como expressão concreta de refração a tal mito. Seus versos satíricos, contradizendo os ensinamentos do historiador baiano, quase seu contemporâneo, Rocha Pita, não cantam um paraíso. Por eles perpassam, alegoricamente, uma “triste Bahia”.

Dessa forma, se por um lado se pode considerar plausível a imagem do Major Quaresma lendo em Rocha Pita a louvação do “Brasil Terreal Paraíso... onde domina salutífero clima... e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil” (Pita, 1999, p.90), ou reconhecendo a cultura dos *caboclos* como genuinamente nacional, ou acreditando na vontade política de Floriano Peixoto, custa-nos imaginar o personagem lendo os ferinos versos de Gregório de Matos, a exemplo, os do soneto intitulado “Aos sres governadores do mundo em seco da cidade da Bahia, e seus costumes”:

A cada canto um grande Conselheiro,
que nos quer governar cabana e vinha:
não sabem governar sua cozinha,
e querem governar o mundo inteiro!

A voz iconoclasta de Gregório, ecoando pelos desvios trilhados pela paródia, parece confundir-se com a do narrador de *Triste fim...*, quando este nos descreve a imagem do marechal Floriano Peixoto, emblema de “outros senhores”, então republicanos:

Era [uma fisionomia] vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande “mosca”; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior. Era um olhar mortício, redondo, pobre de expressões, a não ser de tristeza que não lhe era individual, mas nativa, de raça; e todo ele era gelatinoso – parecia não ter nervos. (Barreto, 1969, p. 208-9)

Se os versos satíricos de Gregório de Matos não pontuam os recortes de leitura de Quaresma, eles, no entanto, se interpõem, sugestivamente, na escrita que narra “o triste fim” do personagem, rememorando *desencantos* de outros tempos: “Triste Bahia! Oh quão dessemelhante / Estás, e estou do nosso antigo estado”.

As maquinarias de Quaresma

O Major Policarpo Quaresma opera o seu projeto nacionalista como uma verdadeira *máquina* utópica a lavrar o solo estéril do governo republicano de Floriano Peixoto, governo fisiologista e ditatorial (*tiranía doméstica*,⁴ diz o narrador do romance). A imagem desse projeto maior, seu processo que vai da motivação ao malogro, encontra-se assinalado na luta de Quaresma no campo, em prol da agricultura nacional, bem como nos descompassos sócio-econômicos, culturais e políticos que marcam a tematização dos instrumentos e máquinas (agrícolas) de uma revolução industrial em expansão no nosso contexto periférico. Também fracassa o desempenho das *máquinas* de Policarpo diante dos complexos desafios operacionais, resultando numa imagem de abandono e desolação:

O barômetro aneróide continuava a um canto a dançar o seu ponteiro sem ser percebido; o termômetro de máxima e mínima, legítimo Casella, jazia dependurado na varanda sem receber um olhar amigo; a caçamba do pluviômetro estava no galinheiro e servia de bebedouro às aves; só o *anemômetro* continuava *teimosamente a rodar, a rodar, já sem fio, no alto do mastro, como se protestasse contra aquele desprezo pela ciência que Quaresma representava* (Barreto, 1969, p. 163-4. Grifos nossos).

Esse inventário de instrumentos meteorológicos e agrícolas desativados, signos de uma história que não se cumpriu e permanece enquanto registro de um malogro a

4 Na ótica do narrador, temos uma impiedosa descrição do governo de Floriano Peixoto: “A sua concepção de governo não era o despotismo, nem a democracia, nem a aristocracia; era a de uma tirania doméstica. O bebê portou-se mal, castiga-se. Levada a coisa ao grande o portar-se mal era fazer-lhe oposição, ter opiniões contrárias às suas e o castigo não eram mais palmadas, sim, porém, prisão e morte” (Barreto, 1969, p. 208).

questionar o presente, ganha tonalidades irônicas e dramáticas na imagem final do anemômetro, que “continuava teimosamente a rodar, a rodar, já sem fio” (...). É como se o aparelho persistisse em medir a velocidade e direção dos ventos da história, que então se apresentava lenta, lerda e sem leme, girando em círculos viciosos.

A referência irônica do narrador ao “desprezo pela ciência que Quaresma representava”, na verdade, não faz jus ao esforço intelectual e prático do incansável maquinista de sonhos e utopias. Como podemos ver, ao longo dos seus empenhos para resgatar a desolada paisagem rural brasileira, Quaresma se mostra diligente e aberto às contribuições da *ciência*, ainda que fossem importadas (no que pese o xenofobismo da personagem):

Passou a organizar sua biblioteca agrícola e uma relação de instrumentos meteorológicos para auxiliar os trabalhos da lavoura.

Encomendou livros nacionais, franceses, portugueses; comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros (...). (Barreto, 1969, p. 112)

Quaresma responderia, com isso, ao impacto que os novos artefatos técnicos vêm provocar na mentalidade da época. Como diz Francisco Foot Hardman, “no longo trajeto do campo à cidade, com seus estados híbridos e transitórios, a presença dos novos artefatos da revolução industrial desencadeia respostas diversas, paixões contraditórias, pinturas matizadas” (Hardman, 1988, p.35). A resposta da literatura a esse ambiente, “a uma paisagem tecno-industrial em formação”, segundo Flora Süssekind, vem em forma de um confronto que se delineia primeiro hesitante, meio de longe; mais tarde convertido em *flirt*, atrito ou apropriação. (Sussekind, 1987, p. 15)

A resposta de Lima Barreto, em *Triste fim*, passa pelo crivo da ironia e da ambigüidade que caracterizam o romance, como já podemos ver no efeito humorístico provocado pelo eco decorrente da enumeração dos aparelhos meteorológicos (“comprou termômetros, barômetros, pluviômetros, higrômetros, anemômetros”), sem falar na descrição (anteriormente citada) dos aparelhos abandonados. Nesse sentido, a atitude do narrador se torna bastante ambígua e lacunar, ficando o enredo do romance a dever uma explicação plausível quanto ao fracasso das experiências técnicas do protagonista, que merece apenas uma referência lacônica:

verdade que deixara de parte os instrumentos de meteorologia. (...) Dera-se mal com eles. Fosse inexperiência e ignorância das bases teóricas dele, fosse por que fosse, o certo é

que toda a previsão que Quaresma fazia baseado em combinações dos seus dados, saíam erradas. Se esperava tempo seguro, lá vinha chuva; se esperava chuva, lá vinha seca (Barreto, 1969, p. 163. Grifo nosso).

O certo é que Policarpo Quaresma, contrariando mesmo uma visão geral que se tem sobre ele no que tange à sua natureza visionária, quixotesca, se mostra um metuculoso empreendedor (que funde estudo e experimentação) quando investe nas reformas da agricultura. Assim, o fracasso dos seus empreendimentos técnicos não o leva ao conformismo ou à alienação quanto à natureza da questão agrária. Refletindo objetivamente sobre sua experiência malograda, Quaresma prepara um memorial destinado ao presidente da república:

Nele expunham-se as medidas necessárias para o levantamento da agricultura e mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados, e das violências políticas (Barreto, 1969, p. 202).

Assim como desenvolvera vários projetos mecânicos para a agricultura,⁵ o protagonista do romance mostra-se também diligente na análise sócio-econômica e política. Contudo, mais uma vez, ele não encontraria eco junto ao governo. Ao entregar seu memorial para o Marechal Floriano Peixoto, este, demonstrando impaciência e mau humor, rasga displicentemente uma página para escrever no pedaço de papel um recado ao seu “ministro de guerra: – Ora! Quaresma! rasguei o teu escrito... Não faz mal... Era a parte de cima, não tinha nada escrito”, desculpa-se o marechal (Barreto, 1969, p. 102).

Essa presença de artefatos técnicos dentro do romance é marcada por um deslocamento funcional, gerando uma leve ambigüidade, posto que tais artefatos deveriam ser tomados como signos de progresso, quando na verdade são convertidos em ruínas ou relegados à inutilidade. O “discurso do progresso” que eles representariam, nesse contexto, esvazia-se no confronto com a realidade do campo. As máquinas também estão fora de tempo (no jogo político vigente) e de lugar (na prática sócio-econô-

5 Mesmo quando os fracassos de sua experiência no campo vão se acumulando, o compenetrado Quaresma não se deixa abater: “Meditava grandes reformas agrícolas. Mandara buscar catálogos e ia examiná-los. Tinha já em mente uma charrua dupla, um capinador mecânico, um semeador, um destocador, grades, tudo americano, de aço, dando rendimento efetivo de 20 homens” (Barreto, 169, p. 172).

mica daquela República). Passa-se, curiosamente, do assombro à indiferença do preto velho Anastácio em relação aos instrumentos meteorológicos e às máquinas agrícolas do Major Quaresma. No início, enquanto o patrão manipulava os instrumentos, “Anastácio assistia a todos esses preparativos com assombro. (...) Estando certa vez Quaresma a ler o pluviômetro, Anastácio, ao lado, olhava-o com espanto, como quem assiste a um passe de feitiçaria” (Barreto, 1969, p. 112). Quando Policarpo Quaresma já se retirara para a sua última luta patriótica, agora como combatente junto às forças militares da República, o seu sítio, “em Curuzu, voltava aos poucos ao estado de abandono em que ele o encontrara. A erva daninha crescia e cobria tudo”, apesar dos esforços do negro Anastácio, que “um dia capinava aqui, outro dia ali, outro pedaço” (...) (Barreto, 1969, p. 261). Nesse cenário de “aspecto cataléptico do nosso interior” em que o sítio novamente estava inserido,

máquinas agrícolas, que não haviam ainda servido, enferrujavam com a etiqueta da casa. Aqueles arados de ponta de aço, que tinham chegado com a relha reluzente, de um brilho azulado e doce, estavam hediondos e morriam de tédio no abandono em que jaziam, bracejando angustiosamente para o céu mudo (Barreto, 1969, p. 267).

Vemos, sobretudo nesse contexto em que as conquistas da revolução industrial são chamadas à cena das lutas pelas reformas nacionais, o quanto se distanciam, politicamente falando, o fundo e a forma, ou seja, os projetos de Policarpo (e com eles, as forças de transformação social) e o governo de Floriano Peixoto, com uma estrutura política emperrada e antagônica em relação aos ideais republicanos e aos valores nacionalistas de Quaresma.

A trajetória do Major Policarpo Quaresma é, sem dúvida, muito complexa para que se reduza o perfil intelectual dessa personagem, como muito se tem feito, ao de um indivíduo histórica e politicamente alienado. Se ele se apresenta inicialmente como um típico intelectual diletante a desfrutar e delirar com sua brasiliana⁶, sua marcha utópica irá transformá-lo no nosso primeiro intelectual dissidente⁷ (o que

6 Relembremos da imagem de Quaresma leitor de Rocha Pita.

7 Silvano Santiago argumenta que *Triste fim* “é dos romances brasileiros o que melhor tematiza a questão da repressão ao intelectual dissidente, pois disso trata todo o tempo o romance. A força de dissidência não reside tanto nas ações patrióticas do personagem com vistas a uma mudança radical no Brasil, mas no fato de Policarpo ter as suas ações norteadas por um ideal, e é perseguindo este que se insurge contra as forças dominantes no contexto sócio-político e econômico brasileiro” (p. 170).

acabará por lhe determinar a própria morte). Além disso, caracteriza a personagem um rigoroso senso ético, que o leva da teoria à prática, do campo das idéias ao solo áspero das práticas reformistas. A pungência dessa faceta pode ser vista no dramático quadro da sua luta desigual contra as resistências de uma terra a ser lavrada:

Era de vê-lo, coberto com um chapéu de palha de coco, atracado a um grande enxadão de cabo nodoso, ele, muito pequeno, míope, a dar golpes para arrancar um teimoso pé de guaximba. A sua enxada mais parecia uma draga, um escavador, que um pequeno instrumento agrícola. Anastácio, junto ao patrão, olhava-o com piedade e espanto. Por gosto andar naquele sol a capinar sem saber?... Há cada coisa neste mundo! (Barreto, 1969, p. 113).

Consome-se o homem em seu ideal. Agoniza o país em seu desgoverno. Refaz-se a história em seus fragmentos. Estas são algumas lições de Quaresma.



BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- CAMPOS, Haroldo de. *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador: FCJA, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, 6 ed., Belo Horizonte: Itatiaia, vol. I, p. 24, 1987.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *A invenção do psicológico: três séculos de subjetivação*. São Paulo: Educ / Escuta, 1996.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia. das Letras.1988.
- HELENA, Lucia. *Uma literatura antropológica*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.
- LEITE, Dante Moreira. Fase colonial: a descoberta da terra e o movimento nativista, in *O caráter nacional brasileiro*, São Paulo: Pioneira, 1983, p. 155-172.
- LIMA, Francisco Ferreira de. Medida e desmedida na Bahia de Gabriel Soares de Sousa. *Lêgua & meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*. Feira de Santana-Ba: UEFS, 2002.
- PEREIRA, Elvya Ribeiro. *Piguara: Alencar e a invenção do Brasil*. Feira de Santana-Ba: UEFS, 2002.
- PEREIRA, Elvya Ribeiro. Lima Barreto: um olhar deslocando-se. *Lêgua & meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, nº 1. Feira de Santana: UEFS, 2001-2002.

- PEREIRA, Rubens Alves. *Fraturas do texto: Machado e seus leitores*. Rio de Janeiro: Sette Letras / Feira de Santana-Ba: UEFS, 1999.
- PITA, Rocha. Apud Aderaldo CASTELLO. *A literatura brasileira: origem e unidade*. São Paulo: Edusp, v. I, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. Uma ferroada no peito do pé, in *Vale quanto pesa*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



PEREIRA, Elvy Ribeiro. A brasilidade de Policarpo Quaresma: modelo, moldura, mediação. *Léngua & meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, v. 3, n° 2, 2004, p. 150-163.

Elvy Shirley Ribeiro Pereira é Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana. Graduada em Letras pela UEFS, Mestra em Literatura Brasileira pela UFBP, Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC/RJ e Pós-Doutora pela Universidade de Lisboa. Publicou *Piguara : Alencar e a invenção do Brasil* (2000).